

PANDEMIA

Como toda grande tragédia temos o dever de aprender e melhorar.

Para isso que servem os obstáculos, para crescermos e amadurecermos.

É hora de colocar os papéis em seus devidos lugares.

De repente o mundo parou! 2020 e uma pandemia aconteceu. Algo que ninguém poderia imaginar! Ela nos pegou de surpresa, despreparados (e como se preparar?) nos colocou em casa trancados, ameaçados, com medo. Todos no mesmo patamar de surpresa e desespero.

Como tudo que acontece logo surge à reação e começamos a reinventar a maneira de viver: novos relacionamentos com as mesmas pessoas, com uma família muitas

vezes estranha, onde não temos o aconchego e o carinho.

As famílias se viram presas em casa com os filhos, filhos estes terceirizados, que estudavam em período integral, tinham aulas de balé, esportes, línguas. Nosso tempo com eles era o mínimo necessário. Com a pandemia ficamos trancados, e nos vimos com crianças com as quais não sabíamos lidar, e tudo o mais parou.

Surgiu então, a grande questão: *“o que eu faço agora? Não conheço os meus filhos, não estou acostumada com eles o dia todo, não tenho paciência!”* Fomos treinados para trabalhar, curtir rapidamente os filhos à noite (sempre que possível) e esquecemos a convivência, a partilha...

Agora nossos filhos são nossos, não mais de professores, de babás. O que fazer com eles, com crianças muitas vezes desconhecidas, estranhas, cheias de vontade? Não podemos mais terceirizar, o mundo está parado e nossos filhos não pararam, estão angustiados, querem atenção, saíram da rotina e também estão com pais desconhecidos.

Este é o quadro da pandemia! Pandemia que está terminando (se Deus quiser!) e passamos a ouvir um novo termo: *o novo normal*. Eis a questão: Seremos melhores ou piores neste novo normal?

Durante um ano fomos obrigados a conviver com nossas famílias como nunca havia acontecido antes. Casamentos sólidos, com base na amizade, respeito e renúncia se tornaram ainda mais fortes. No entanto as relações frágeis, baseadas no simples prazer, no amor imaturo, que não suporta obstáculos, se romperam. Os filhos não são descartáveis, e mesmo que o relacionamento “casal” se rompeu, eles estão aí cada vez mais exigentes e problemáticos.

A relação mãe/filhos, pai/filhos é para sempre. A geração jovem não foi treinada para suportar e transportar obstáculos do relacionamento, do trabalho e da família. É uma geração do momento, da internet, onde não existe profundidade. E a vida continua, com ou sem pandemia.

Nós perdemos a nossa base: a relação social, a troca, o abraço, a conversa descompromissada de amigos. Ficamos enclausurados em casa. Somos seres relacionais e necessitamos do outro. Os adultos conseguiram driblar o isolamento com as saídas necessárias, os telefonemas, porém as crianças não tiveram alternativas e se viram trancadas e com pais que os têm em segundo plano.

Uma geração despreparada para serem pais e mães em período integral. Famílias sempre terceirizadas, sem definição de papéis, sem limites. Com este quadro, após mais de um ano de pandemia, os problemas familiares se agravaram. A violência doméstica aumentou a níveis jamais vistos. Os problemas psicológicos também surgiram ou se agravaram.

Como em toda grande tragédia temos o dever de aprender e melhorar. Para isso servem os obstáculos: para crescermos e amadurecermos. É hora de colocar os papéis em seus devidos lugares.

Pais e mães são educadores. Filhos não são bonecos, príncipes, mas são pequenas criaturas que necessitam de limites, de carinho, de amor, de tempo e um grande grau de exigência (de ambas as partes).

Tudo que se faz na vida é uma questão de causa e consequência. As leis surgem em consequência aos erros (causas).

Nossos filhos também precisam saber que todo direito que querem e exigem tem consequências. Um exemplo clássico: a criança não quer comer a papinha. Isso é um direito dela (não se tem como obrigar a comer), porém não podemos oferecer outro alimento em substituição, pois assim tiramos a consequência que é a fome. A criança está com raiva, fazendo birra e joga o que tem na mão fora. É um direito dela, porém a consequência é que não terá novamente ao objeto naquele dia. Não é necessário brigas, violência, gritos, apenas a consequência.

Educar é uma das tarefas mais difíceis! A sua prática, no entanto, nos faz crescer, amadurecer, sofrer e quando bem realizada, se torna compensador. Só aprendemos fazendo, vivendo. Não se podem delegar funções que primariamente são dos pais ou responsáveis pela criança. É tarefa principal destes, introduzir o filho no mundo, através de regras. Somos seres humanos e relacionais: meu direito termina onde começa o do outro.

Com a pandemia percebemos que não temos controle sobre o mundo ou as pessoas, sobre o que vai acontecer amanhã ou mesmo hoje. Através dela aprendemos a valorizar ainda mais os relacionamentos, a importância do outro, do abraço da amizade. Começamos então, em nossas famílias, com nossos filhos a terapia do amor, do olhar, do sorriso, do chorar juntos, do celebrar sempre.

Os filhos estão em um processo constante de construção, um trabalho que jamais acaba e também a alegria tão intensa que chega a doer quando percebemos que deu certo. Tudo depende de nós. Precisamos de suporte, assim nos sentiremos filhos eternos e ergueremos as mãos e contemplaremos a Deus que é Pai e amor. Com Ele conseguiremos chegar ao final de nossa missão e lhe apresentaremos o maior presente que recebemos: nossos filhos com a certeza do dever cumprido!



Vania Martins Lunardi